

**PRODUTO FINAL DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO  
PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA**

**UM ACRÉSCIMO DE SABER PARA O PROFESSOR DE  
MATEMÁTICA**

**Vilma Conceição da Silva**

**Ouro Preto  
2010**

VILMA CONCEIÇÃO DA SILVA

**UM ACRÉSCIMO DE SABER PARA O  
PROFESSOR DE MATEMÁTICA**

Produto Final do  
Mestrado Profissional em  
Educação Matemática

Ouro Preto  
-2010

## **UM BOM PROFESSOR FAZ A DIFERENÇA**

### **UM SABER PARA O PROFESSOR DE MATEMÁTICA**

**O saber é algo bem vindo para todo profissional,  
principalmente, quando se trata do professor de  
Matemática.**

*Em psicanálise, quando se refere à aquisição de saberes, fala-se em apreender, em envolver o objeto do conhecimento, em recortá-lo e digeri-lo. É desse modo, mas guardando o estilo e o desejo de cada um, que nós, ou os nossos alunos apreendemos o conhecimento. Quando nos mobilizamos para aprender algo, um desejo inconsciente nos move, não dá para expressar em palavras porque gostamos. Da mesma forma, quando não gostamos não nos*

*mobilizamos, quando não interessamos é porque aquele conhecimento não faz sentido, não tem valor para nós, não significa nada.*

**O aluno se apresenta aos olhos do professor de  
Matemática como desmotivado, desinteressado,  
desatento, preguiçoso.**

**Será possível mudar essa situação?**

*Quando nos lembramos da nossa aula de Matemática, pensamos: já utilizei várias estratégias e nada tem dado resultado. Dizemos: “a minha parte estou fazendo, mas não posso fazer a outra parte que compete ao meu aluno”. Essa é uma grande verdade! Mas, procurar saber mais sobre as causas desse desligamento do saber matemático, poderá trazer mais tranqüilidade ao professor de Matemática e diminuir os conflitos e desgastes desnecessários com o aluno.*

## **Sugerimos um saber subsidiado pela noção da relação com o saber e a subjetividade intrínseca no processo do “aprender”.**

*Como professores, acreditamos que, para mobilizar o aluno para aprender Matemática, basta dar significado a um determinado objeto matemático, ou a uma atividade. Mas para ele provocar um desejo em nosso aluno é necessário que tenha um sentido para ele. Esse sentido está diretamente ligado à sua subjetividade, ao seu desejo. Acredita-se que aí está a explicação que constatamos quase sempre, ou seja, que poucos se mobilizam, outra parte esforça-se, geralmente sem sucesso, acabando por desistir e o restante nem se move. O que podemos concluir é que as estratégias que temos utilizado não vêm permitindo ao sujeito a manutenção da dinâmica do desejo, ou seja, a possibilidade de apropriar-se do conhecimento. O que nos indica a relação com o saber é que a realidade das salas de aula, particularmente as aulas de Matemática na escola pública, não permite o fluxo do desejo. Somente faz castrar-lhe. Desejamos que o sujeito-aluno aprenda matemática., mas*

*desconhecemos o seu estilo, a sua maneira de aprender. Acostumamo-nos com a dinâmica do sistema de ensino, que prioriza a medida do desempenho e não as aprendizagens. Isso tem nos levado a não obter os resultados esperados e vem angustiando e desmotivando a docência na formação básica.*

### **O que é o desejo?**

O desejo é lugar de ausência de um *objeto que falta em seu próprio lugar* (FERRAZ e FERRAZ, 2001, p. 46). Logo poderíamos entender que o objeto do desejo é o que se acredita suprir a falta. É a instalação da falta que origina o psiquismo e os primórdios da subjetividade. Simbolicamente, pode-se entender o início do processo, quando o recém-nascido, em estado de total desamparo, experimenta uma necessidade. Esta instala no organismo, uma tensão, submergindo-o numa comoção generalizada, ao ponto de colocar em perigo sua própria integridade. Nessas circunstâncias, o organismo grita, e a mãe (ou qualquer outro), acudindo em seu auxílio, transforma essa manifestação inintencional em uma demanda de alimento, no instante mesmo em que o acolhe em seus braços e lhe oferece o seio. O desejo representa uma necessidade

inicial que nunca será saciada pelos objetos da cultura. Por isso “é indissolúvel e incorrigivelmente ligado a traços de memória relacionados às primeiras satisfações das necessidades, às primeiras situações de redução das tensões internas” (FERRAZ e FERRAZ, 2001, p. 34). A subjetividade de cada ser é um sistema que vai sendo construído ao longo de sua existência e caracteriza o modo de ser, o estilo de cada um aprender.

### **O estádio do espelho**

*Em psicanálise, sujeito e desejo são conceitos que se interpenetram constituindo a subjetividade, manifestação da psique humana. Será, no Estádio do Espelho, que poderemos ver a constituição do objeto do desejo implícito no desejo do outro. No Estádio do Espelho, o bebê “vê” sua imagem porque o olhar da mãe dá sustentação ao acontecimento. A criança “se vê” através dos olhos da mãe. A criança se agarra a esta imagem porque é assim que se faz objeto de desejo materno (LAJONQUIÈRE, 1992).*

*A ordem do simbólico se instala quando o adulto apresenta à criança, a sua própria imagem, ratificando ao mesmo que esta é a*

*sua imagem perante os outros e que ele é semelhante aos outros, ou seja, “o adulto é aquele que articula a promessa: sendo como essa imagem, você será Um a mais entre seus semelhantes. Dessa forma, cabe dizer que é o adulto quem o unifica à medida que o reconhece como Um” (LAJONQUIÈRE, 1992; p. 167). A criança reconhece sua imagem porque o olhar da mãe sustenta o acontecimento e a criança se reconhece através dos olhos da mãe, mas é o desejo da mãe que lhe importa. Ela se prende a esta imagem porque é assim que se faz objeto do desejo da mãe. Dessa forma, a mãe vai modelando, imaginariamente, um sujeito, ao qual ela já deu um nome. Esse nome cola-se ao sujeito e se converte em seu significante. Significante que o sujeita a uma linhagem, a uma cadeia de desejos com formação histórico-social particular, ou seja, a estruturas de uma linguagem particular. Quando o sujeito assume a imagem refletida, paga o preço de não estar completamente representado. A imagem do espelho passa a representar o sujeito frente aos outros e perante a si mesmo, mas sem chegar a ser a síntese de seu “ser” (Ibid.p. 170). É assim que a superfície espelhada funciona, como uma lâmina de dupla função unifica em um “Eu” e secciona, pois uma parte fica de fora. Este processo instala uma tensão entre o representante e o representado, “fazendo com que um significante se junte a outro e depois a outro,”*

*originando uma cadeia de significante na tentativa de diminuir o defeito da representação, uma tentativa a qual o sujeito não pode deixar de realizar, mas inútil, pois, ao mesmo tempo em que se tenta a representação total, “a própria operação de representação reabre (reintroduz) a distância que medeia entre o representado e o representante.” É esta tensão que possibilita “o motor do nosso dizer e do nosso ser (ibid.171). Daí, podemos compreender como é difícil explicar em palavras o que realmente estamos sentindo, o que realmente somos e como somos. Da mesma forma, como é difícil que os outros expressem o que realmente são, sentem ou sabem. Logo, “a ordem da linguagem, ao mesmo tempo em que é condição de possibilidade da constituição de um sujeito falante, é a responsável pela incompletude de seu ‘ser’. Responsável, em estritos termos psicanalíticos da clivagem do sujeito em consciente e inconsciente.” (ibid. 171).*

**O aluno sujeito-desejante, sujeito clivado  
inconsciente/consciente.**

*Então é no estágio do espelho que nós e o aluno, com quem deparamos em sala de aula, nos constituímos como sujeito-desejante, um sujeito clivado, partido em inconsciente/consciente. Aceitamos aquela imagem refletida no espelho porque desejamos o desejo de nossa mãe, pois assim, entendemos que continuaríamos como objeto de desejo. A partir daí precipitamos na falta. O desejo é a busca constante que empreendemos para saciar nossa incompletude.*

**A subjetividade**

*A subjetividade é a representação do nosso inconsciente em sua eterna busca dessa afetividade que nos proporcione nossa completude, impossível de ser conquistada, mas que, no nosso imaginário, é suprida cada vez que apreendemos um novo significante, que poderá ser um saber ou o saber matemático.*

**O OBJETO DO DESEJO ESTÁ SEMPRE PRESENTE, É O OUTRO, O MUNDO, EU PRÓPRIO. A RELAÇÃO É QUE SE PARTICULARIZA, OU SEJA, O DESEJO DO MUNDO, DO**

**OUTRO E DE SI MESMO É QUE SE TORNA DESEJO DE APRENDER E SABER (CHARLOT, 2000; p. 81).**

*Para o aluno desejar o objeto matemático como objeto do desejo, o aluno deverá particularizar sua relação com o conhecimento matemático, deverá desejar recortá-lo, digeri-lo e sentir prazer ao aprender matemática.. Para que ele se interesse pelo conhecimento matemático, teremos que subjetivá-lo, portanto, devemos envolvê-lo nesse objeto com nossa afetividade, ou seja, com nosso desejo de atribuir-lhe valor e sentido, para depois oferecê-lo ao aluno. Para isso, será necessário criar um campo propício onde se estabeleça a transferência e o aluno deseje o nosso desejo, e identifique esse objeto como objeto do desejo que o complementa.*

*Imagine a seguinte situação: Alguém oferece a outro ser, necessitado de se alimentar, a opção de escolher entre dois pacotes de bolachas. O primeiro pacote contém bolachas ressequidas e o segundo, bolachas macias. Qual ele escolherá?*

*Se perguntarmos aos nossos alunos, todos responderão por unanimidade. O segundo será o escolhido. Pois bem, se pegarmos as bolachas ressequidas e, reunindo certa habilidade culinária, envolvermos essas bolachas num delicioso creme, de modo que*

*desperte o desejo no outro, de ser saboreado, ele também será escolhido.*

*Assim adentramos a nossa sala de aula com nossas bolachas ressequidas e constatamos, todos os dias, que elas são rejeitadas. Alguns, muito poucos, com suas capacidades subjetivas, envolvem esse objeto, recortam-no e digerem-no, enquanto a outra grande parte continua preferindo sofrer a falta, por não conseguir digeri-lo.*

*Talvez nós, professores e professoras de Matemática, não tenhamos tantas habilidades culinárias, mas todos possuímos afetividade, pois existimos a partir do laço afetivo dos nossos pais, fomos engendrados por eles pelo afeto com o qual nos envolveu, crescemos e aprendemos por necessidade de afeto, e aprendemos Matemática porque particularizamos uma relação com esse saber, e ele tornou-se objeto de desejo para nós, pois, inconscientemente, buscamos nele o complemento da eterna falta que não pode ser aniquilada, sem pagar o preço de também sermos aniquilados.*

*Dessa forma, se não colocamos nossa afetividade em nossa relação pedagógica, é por um culto à racionalidade e ao positivismo, necessários, mas que, por excesso, têm ultrapassado seus limites. Limites definidos pela nossa subjetividade e dos que nos cercam. Há uma verdade que não podemos mais ignorar. É que todos somos sujeitos clivados inconsciente/consciente e isso dita*

*uma lei natural a que devemos obedecer. Contrariá-la é negar a própria condição humana de ser e de existir.*

*Considerando o problema da aprendizagem matemática sob a ótica da relação com o saber e da subjetividade, talvez possamos alterar o tipo de relação que o aluno estabelece com o conhecimento matemático, deslocando-o do extremo negativo para o positivo. Para isso, necessitaremos amolecer as bolachas ressequidas. Como? Desenvolvendo nossa afetividade, diminuindo a distância entre o aluno e o professor, ouvindo mais o aluno e falando menos, dando um sentido e um valor para o objeto matemático.*

**ADQUIRIR SABER PERMITE ASSEGURAR-SE UM CERTO DOMÍNIO DO MUNDO NO QUAL SE VIVE, COMUNICAR-SE COM OUTROS SERES E PARTILHAR O MUNDO COM ELES, VIVER CERTAS EXPERIÊNCIAS E, ASSIM, TORNAR-SE MAIOR, MAIS SEGURO DE SI, MAIS INDEPENDENTE(CHARLOT, 2000; p. 60).**

*Devemos mostrar ao aluno que o conhecimento matemático ensinado na escola está na base do conhecimento compartilhado no mundo e, apoderar-se desse conhecimento, é ter domínio de uma*

*boa parte desse mundo. É possibilidade de ampliar sua relação com os outros seres e ser reconhecido e amado pelo outro. É ter certo domínio e certo poder sobre esse mundo. Ter certo domínio e poder garante-lhe certo grau de liberdade, pois o conhecimento nos liberta e a ignorância nos escraviza. O aluno deverá perceber que a Matemática que ensinamos e que ele aprende garante, exatamente, nesse tempo, o seu domínio sobre o mundo. Dizer que pode servir daqui a um tempo, para entrar na faculdade, fazer concurso..., só fará com que ele adie a possibilidade de aprender e desperdiçará seu melhor momento de aprender.*

### **Lema**

**Quem aprende Matemática (ou outro saber), tem domínio, quem domina tem poder, quem tem poder é livre para compartilhar o mundo com os outros, conquistar seu espaço e ser respeitado por seus pares.**

*Passa essa idéia para o seu aluno. Aos poucos, sua fala irá repercutir em seu inconsciente, e ele se mobilizará para aprender, e*

*você como professor e com sua afetividade, poderá auxiliá-lo. Quando falamos de afetividade, não estamos falando de demonstrações de carinho explícitas e que podem ser mal interpretadas. A afetividade é algo demonstrada e percebida dentro do campo da subjetividade. Esta deve envolver o processo pedagógico e possibilitar a constituição de um campo propício para aprendizagem da Matemática. Nesse campo, espera-se que a interlocução entre emissor e receptor ocorra com menores interferências e possibilite maior apreensão do conhecimento matemático.*

**O Bom professor não é só aquele que possui o conhecimento matemático, mas, também, que é capaz de subjetivá-lo, para oferecê-lo ao aluno.**

*Assim, a razão e a emoção deverão caminhar juntas para que possamos formar as novas gerações, de modo que, independente de classe social, raça ou credo, todos possam compartilhar do conhecimento, particularmente do conhecimento matemático, tão importante e tão escasso entre os jovens de nossas escolas públicas.*

**Espera-se ter subjetivado esse conhecimento para que você, professor de Matemática, possa recortá-lo e digeri-lo, e, dessa forma, acrescer um novo significante à sua cadeia simbólica e obter, assim, um acréscimo de saber que o auxilie a compreender a subjetividade presente no processo de aprendizagem da Matemática.**